

Universo DA POESIA

ANTOLOGIA POETICA



Great They
The flo
lamace.
Curtain

SNOW SHOVEL
KILL
DO

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO
CONEXAO LITERATURA

Flakes Settle Over

Of Sacred Images and

mt sea
mpl

after two
Japanese plume
Flalla

pape
the city

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS

- Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04
Rebentos da esperança, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 05
A estrada onde os homens passam, por Bel Wells, pág. 14
40, por Elisângela Maria Ozório, pág. 16
A poltrona, por Elisângela Maria Ozório, pág. 18
Me kahlo, por Jeferson Ilha, pág. 20
O ser Joaquina, por Jeferson Ilha, pág. 22
Almas, por Prof. José Carlos Guimarães Junior, pág. 26
Amores revolucionários, por Sirventes, pág. 29
Nuances da liberdade, por Sirventes, pág. 31
Eu vi o amor, por Léo Silva, pág. 33
Você há de ter, por Léo Silva, pág. 35
Brutal vitral das vozes, por Luz, A Joana, pág. 37
Abraço textual, por Lucas Pessô Feniman, pág. 39
Amigo, por Lurdinha Alencar, pág. 41
O tempo que não viveu, por Maria de Fátima Moreira Sampaio, pág. 43
Que o vírus não vença, por Neil Wolf, pág. 49
E o voto levou..., por Neil Wolf, pág. 51
Rostos, traços e rastros, por Neuba Maria da Silva, pág. 53
Amor e compreensão, por Policarpo, pág. 55
DÚVIDA?, por Priskila, pág. 59
Pedidos informais, por Zacarias Sousa, pág. 61
Conheça outros títulos da coleção, pág. 63

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura

INTRODUÇÃO

Por Ademir Pascale

Falar de poesia é falar de sentimentos profundos, numa reunião de textos extraídos da alma e com ideias variadas de diversos autores espalhados pelo Brasil. Esse foi meu principal intuito ao criar o título Universo da Poesia e espero que o leitor sinta todos os sentimentos que os autores tentaram transmitir em seus belos poemas.

“Se minha poesia pretende atingir alguma coisa, é libertar as pessoas dos limites em que se encontram e que se sentem.”

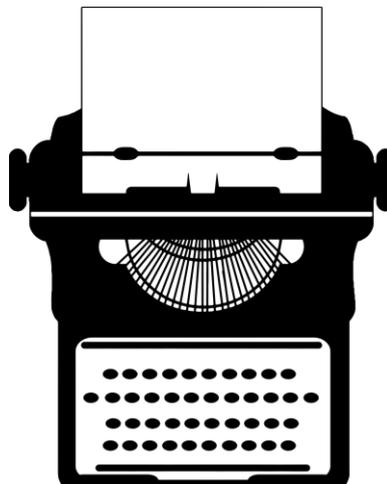
JIM MORRISON

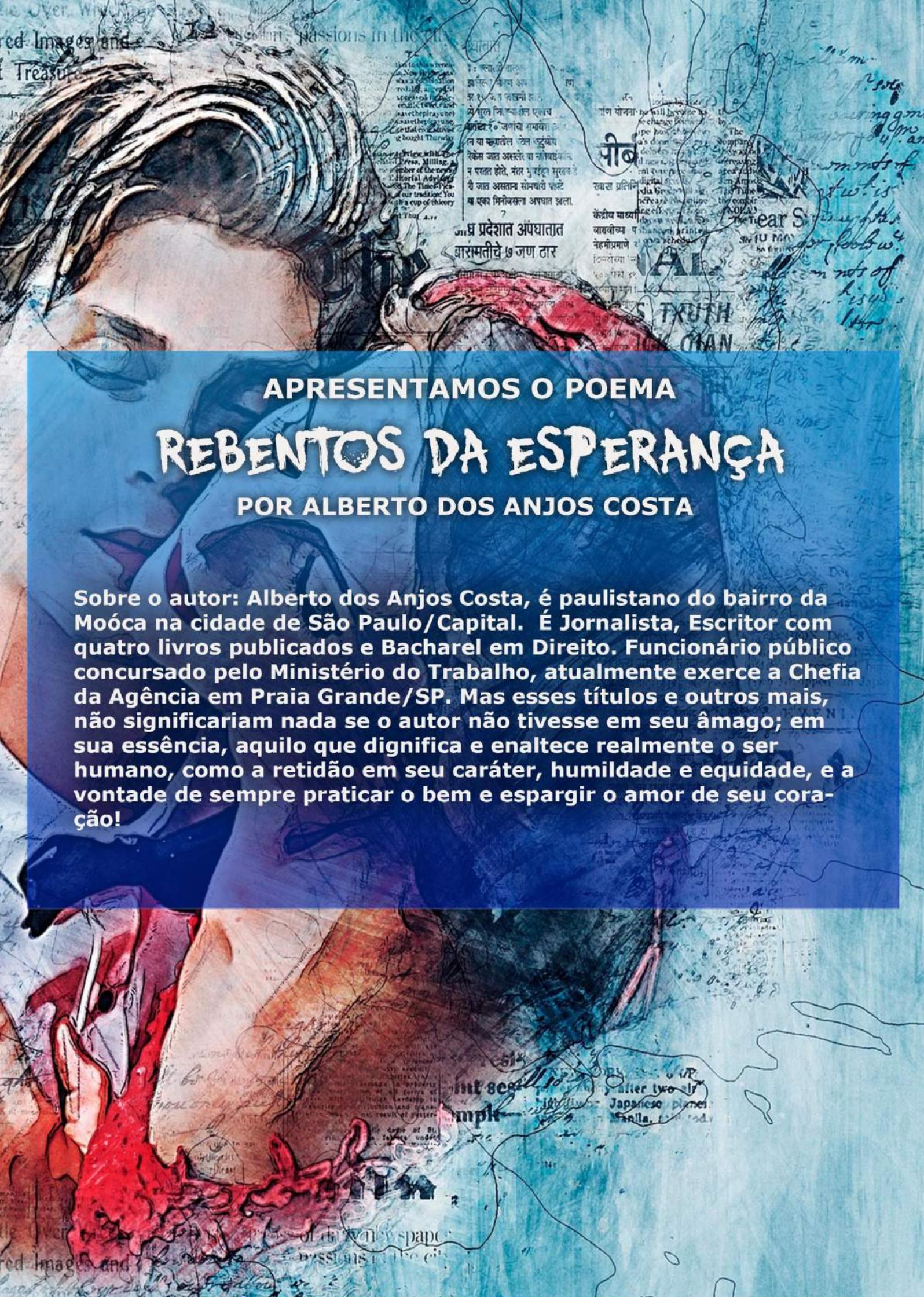
Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

Editor, Escritor e Ativista Cultural

www.revistaconexaoliteratura.com.br e www.edgarallanpoe.com.br





APRESENTAMOS O POEMA

REBENTOS DA ESPERANÇA

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Sobre o autor: Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais, não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago; em sua essência, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade e equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Neste dia em alento,
o sol brilha mais forte,
parabéns aos meus rebentos,
que Deus lhe deem muita sorte!

Filhos! Amigos e companheiros; com sua ígnea juventude em pureza; sois espíritos mensageiros, de ações em amor irradiando a grandeza!

Anjos iluminados,
recebam um beijo de seu genitor;
a honradez será o meu legado;
desejo-lhes um futuro promissor!

Queridos filhos! Vocês estão em meu coração! Deus, colocou-os ao meu lado; para que seu pai não sentisse a solidão! Sejais justos e honestos, para um trilhar respeitado!

Hoje é um dia enaltecido,
pela retidão que em vocês aflora;
dádiva celestial; presente do divino;
vocês são o amor que me acompanha agora!

Deveras, o pai em seu amor luculento, irradiando seu ínclito sentimento, roga aos seus filhos, para que em seus erros desculpai-o; pois seu desejo pelo carinho em abraço, era de ter feito por vocês muito mais!

Copioso sentimento,
saboreando o viver,
inserindo meigo alento,
fomentando o resplandecer.

Filhos no coração, irradiando felicidade, descobrindo inspiração, fantasiando a realidade.

Alma enternecida,
ancorando energia,
rotina sendo vencida,
no amor que refulgia.

Vida confiante, exaltando mansidão, o amar inebriante, florescendo conciliação.

Olhar exuberante,
granjeando simpatia;
filhos, sois a bondade,
pelo amor em companhia.

Aura em afeto, cultivando a sinceridade, o amor é seu cetro, rutilando boa vontade.

Como bom pai que quer o melhor para os seus filhos, ouçam!

Se vocês quiserem sucesso,
façam o bem pela lídima vontade;
não criem vaidades em excesso;
cultivem um coração puro e sem maldades!

Não sejais beligerantes, neste mundo que lhes formarão! A humildade é virtude relevante; com ampla fé, nada vos faltarão!

Trilhando o caminho da bondade, e da probidade; irão sentir o respeito; sejais amigos, sem animosidades, e sentirão o dignificar sendo eleito!

Lúdicos momentos,
mostrarão a felicidade,
tristezas virão com o tempo,
oferecendo-nos a maturidade.

Filhos, ser pai é renunciar ao paraíso, mas acima de tudo é doar-se, e ser amigo!

Porquanto!

Laços de amizade é abrir o coração e partilhar sentimentos;
é respeitar as diferenças, compreendendo a individualidade;
é ser amistoso; é abraçar no sorrir e confortar no sofrimento;
amizade é a simplicidade renunciando a pífias vaidades.

Ser amigo é ser fiel, protetor, confidente e companheiro; é suprimir a falsidade e o estulto egoísmo sobranceiro; amizade é desapego corrigindo erros de atitudes; é recíproca ponderação acolhida na franqueza em plenitude.

Amizade é como um cristal que deve ser lapidado;
é o sensível intangível, cingido pelo elo sagrado;
amizade são palavras congruentes em aprendizado;
opiniões opostas desconsiderando resistência;
corações que se consagram pelo unir abençoado.

Filhos, o que posso lhes asseverar, senão que:

Agradeça pelas dificuldades,
por oferecer-lhe o aprender,
suplantá-las é a oportunidade,
de valorizar o seu viver.

Esforçar-se é relevante, para ultrapassar os obstáculos, pois a luta é incessante, perseverança é o sustentáculo.

Magnificante é o labor,
arraigado na moralidade,
semeadura do esplendor,
no ser em respeitabilidade.

Tenha fé, seja otimista, acredite em você, não esmoreça, sempre insista, bons resultados irás colher.

A vida sem embaraços,
não tem graça, não faz crescer,
paciência é o grande passo,
que mostrará seu fortalecer.

O destino em facilidade,
não lhe ensinará a grande lição,
que todo sucesso não é gratuidade,
é fruto do suor e da abnegação.

Sei que meus filhos queridos, irão viver embates e muitos perigos.

Deveras!
Jovens são rebeldes,
vivenciando anarquias;
seus pensamentos hereges,
vendo a vida em utopia.

Vidas aladas, adorando perigos, liberdade desregrada, defendida por amigos.

Anjos neófitos,
volitando em insurreição,
riscos imódicos,
nas peripécias em diversão.

Geração indomável, impaciente e buliçosa, de vontade irrefreável, e impulsividade capitosa.

Juventude soberana,
em tórridas aventuras,

de ações tão insanas,
que espelham sua candura.

**Pai, tu és o meu herói; não és produto da ficção, és a ponte que constrói,
esses versos em emoção!**

Seu afeto em prontidão,
garantindo o confortar,
faz engrandecer sua cessão,
na maestria do educar.

**És herói em resplendor, no dialogar de ensinamentos, nobre apóstolo do amor,
ofertando seus sentimentos.**

Ri com meus sorrisos,
chora com minha tristeza,
ombro amigo que valorizo,
companheiro em minha defesa.

**Vidente de meu sentir, decifrador de meu olhar, grande sábio a repartir, sua
experiência em meu trilhar.**

Dedicação sendo ressarcida,
pelas carícias de seus rebentos;
és espelho para nossas vidas,
revigorando o nosso respeito.

Pai!

Tu que me destes a fantástica dádiva do viver,
que semeastes o amor sob a bênção do firmamento,
fazendo brotar na seara telúrica o encanto do resplandecer,
que como estrela, irradia sonhos e sentimentos.

Fostes intrépido abdicando de seu tempo e liberdade, encontrando em mim o alento para o seu lutar, tivestes a paciência, ternura e um pouco de insanidade, pois, viver é um mistério que só Deus pode explicar.

Dia e noite, noite e dia seu auxílio era entronizado,
encantavas a ver seu rebento angelical,
você depressa envelhecia, pelo sacrifício do aprendizado,
seu padecer foi sua hombridade, sua doação era total.

O desprendimento era a fiança de um porvir de brilhantismo, pensamentos em devaneios vendo seu tesouro em vivacidade, revelando a sublime estesia na formação do companheirismo, carinho do pai herói; instantes que remeterão saudades.

Pai, és amigo, o confidente o meu abrigo,
és a segurança, o lume do meu trilhar,
espírito protetor, capaz de perder se for preciso,
se para isso tiver que seu filho ganhar.

É, ser pai é um dom divino para um limiar de incertezas, muitos encontrando afetuosos frutos, promovendo ventura, afagos e compreensão; outras vivenciando desamor, solidude, desatenção e pungente tristeza, no brado silente do pai que chora por ver seus filhos abraçando a ingratidão.

Nobres almas infecundas patrocina o amor,
tomam por filho órfãs crianças, consolidando-se como verdadeiros pais;
gerar um ser é extraordinário, adotar é o resplendor,
educar é um lapidar contínuo dando brilho aos cristais.

Venerável criador é o pai que se entrega na edificação do ensinar, não é só dar existência; mas participar, acolher, amar, compreender, instituir um ser civilizado, é fazer florescer na semente germinada a dignidade do seu respeitar, pelos modos e exemplos de retidão e integridade, que pelo pai serão realizados.

Filhos, a sapiência é necessária, diante de nossa imperfeição incendiária!

A percepção nos faz crer que,
viver é tão simples,
mesmo assim complicamos,
entronizamos requintes,
fomentamos enganos.

Doce espirotuosidade, é contemplar a natureza, radiando sensibilidade, esperança e firmeza.

Alegria no coração,
sentimentos em sorrisos,
erros em perdão,
ressentimentos esquecidos.

Alma sem apeços, enaltecendo o presente, vida em desejo, egoísmo sempre ausente.

Desilusões em aprendizado,
criando maturidade,
sacrifícios apresentados,
dando mais vivacidade.

Brisas em suavidade, singeleza em frescor, otimismo na realidade, extravasando seu amor.

Vida que refulgia,
nobre simplicidade,
desambição em sabedoria,
na certeza da mortalidade.

Nosso viver é de procura, no universo em dissensão, são perguntas sem respostas, invocando a dispersão, na crença espiritual, irá crescer sua bondade, mostrará que sua vida, é obra santa da divindade.

Filhos, somos um sopro do firmamento! Somos grãos de areia levados pelo vento!

Sementes de vida,
rebentando mistérios,
multiplicando-se em rebeldia,
rutilando dois hemisférios.

Partículas de energia, alindando açoitada orbe, sopradas em alegria, antevendo a própria morte.

Estrelas cintilantes,
pulsando fortes sentimentos,
dores e sorrisos incessantes,
conduzindo a descobrimentos.

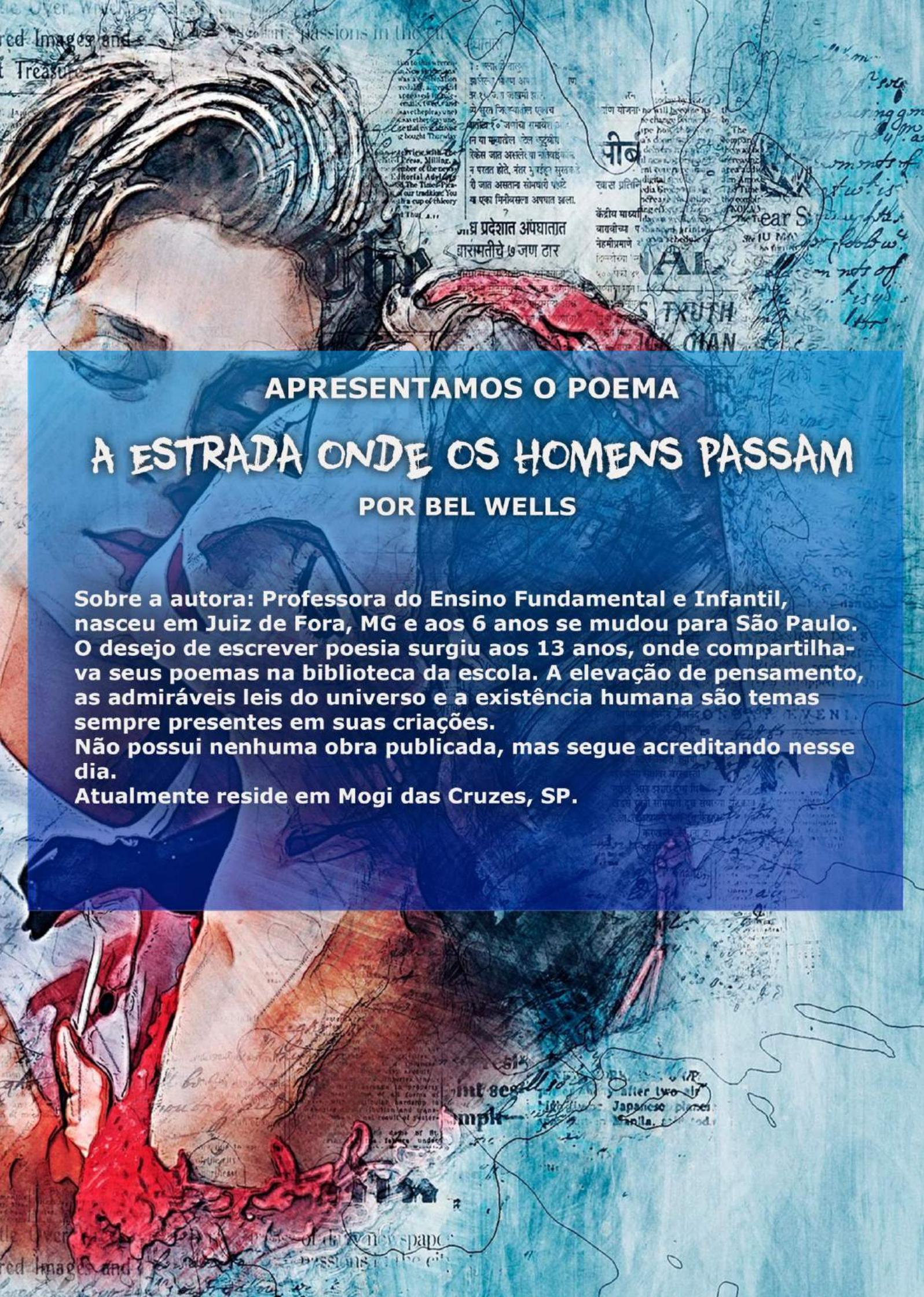
Cometas lépidos, perquerindo o seu pretérito, buscando elos, vivendo périplos, gerando ilusões de modo etéreo.

Perfulgente criação,
escolhendo vários destinos;
raios de lume na escuridão,
mostrará Deus em seu caminho.

Somos pingos do Universo, merecendo justa homenagem, a emoção é o nosso sucesso, o amor filial é esta mensagem.

Filhos! Amo-vos muito!





APRESENTAMOS O POEMA

A ESTRADA ONDE OS HOMENS PASSAM

POR BEL WELLS

Sobre a autora: Professora do Ensino Fundamental e Infantil, nasceu em Juiz de Fora, MG e aos 6 anos se mudou para São Paulo. O desejo de escrever poesia surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações. Não possui nenhuma obra publicada, mas segue acreditando nesse dia. Atualmente reside em Mogi das Cruzes, SP.

श्री प्रवेशत अंधघातात
धारमतीचे ७ जण टार

नीब

केंद्रीय माध्यमिक शिक्षण बोर्ड

बिनाम

TRUTH

MAN

A Estrada onde os homens passam
É por onde começa a compreensão
Que não fica, nem permanece perdido
Quem se alimenta da paz de um coração evoluído
Quem tem sede de essência e de ser bom irmão

Seguem juntos, sempre unidos nesta estrada
Os homens plenos de postura adequada.
Servindo a Vida como uma premissa
Pelos campos das causas, vão semeando justiça

Passam esses homens e a estrada floresce
Pois deixaram seu melhor, virtudes e preces
Suas obras são pegadas confiantes
De uma plenitude Humana, latente e transbordante

Além do tempo, a estrada dos homens é eterna
Um duelo de direções, de muralhas internas
Os bons homens – e não o inverso
Iluminam o caminho, pois são filhos do universo.

A Estrada onde os homens passam
Passam sempre de pé, eles nunca se arrastam
Atravessam firmes e educados
Conscientes e elevados
Nesta busca, o que mais sabem de cor
Que não importa a grandeza dos homens, a estrada é maior.

A Grande estrada pede dignos pedestres
A maneira como passam, pelo passar se reconhece
A Jornada é passageira, a estrada é celeste!



APRESENTAMOS O POEMA

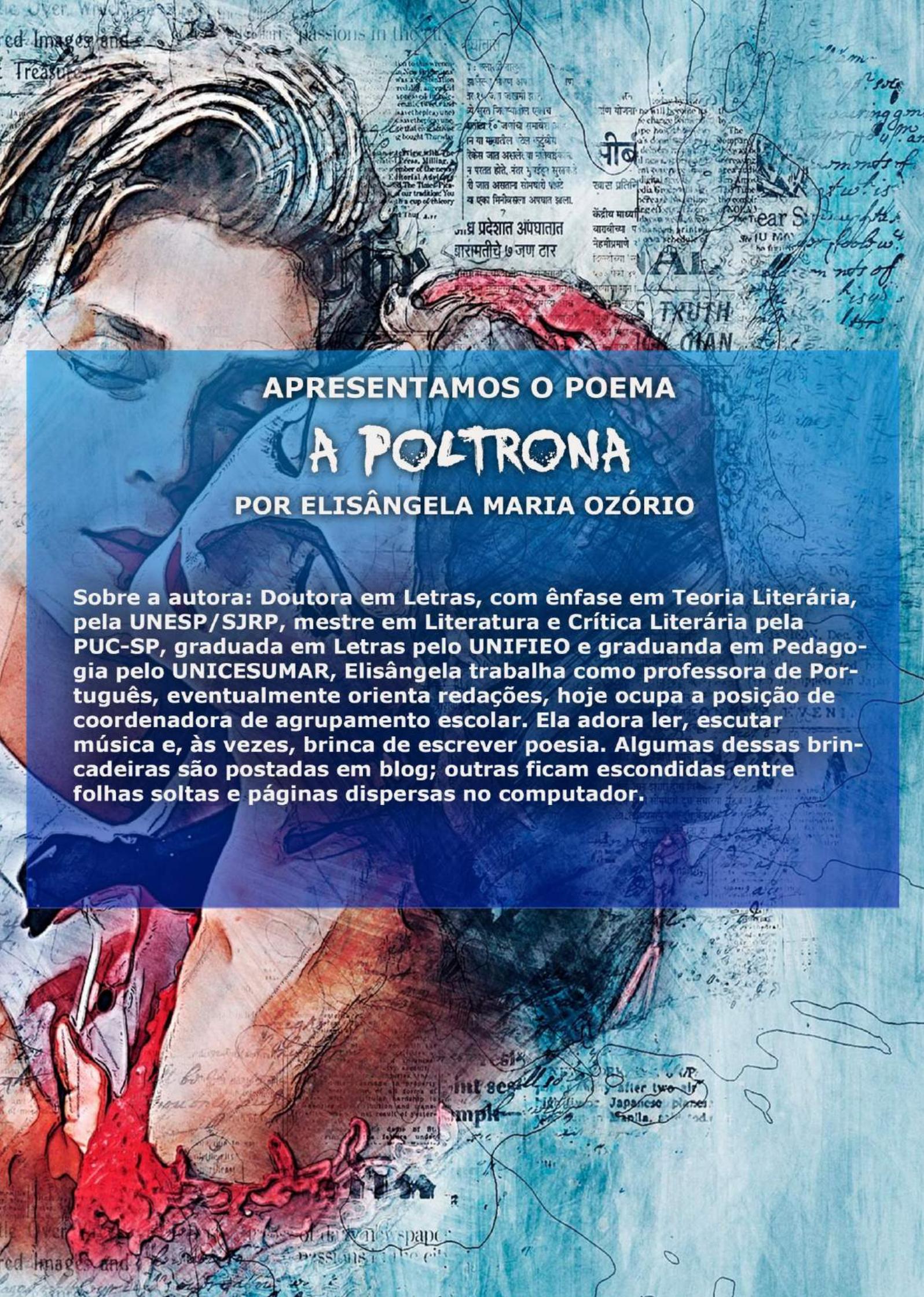
40

POR ELISÂNGELA MARIA OZÓRIO

Sobre a autora: Doutora em Letras, com ênfase em Teoria Literária, pela UNESP/SJRP, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, graduada em Letras pelo UNIFIEO e graduanda em Pedagogia pelo UNICESUMAR, Elisângela trabalha como professora de Português, eventualmente orienta redações, hoje ocupa a posição de coordenadora de agrupamento escolar. Ela adora ler, escutar música e, às vezes, brinca de escrever poesia. Algumas dessas brincadeiras são postadas em blog; outras ficam escondidas entre folhas soltas e páginas dispersas no computador.

Eles chegaram. Enfim quarenta.
Já posso contar histórias,
Tenho experiências.
São quarenta anos vividos, compartilhados e solitários.
É engraçada a expectativa da maturidade, o medo de que o tempo passe,
Enfim, quarenta, uma senhora? Não, uma pessoa.
A expectativa transformou-se em algo bacana,
Uma revisão!
Sim, eu chorei. Tive lutos longos e intensos e doloridos.
Não disse adeus muitas vezes – incompetência ou medo de perder.
Tive muitos dias alegres, de sol quente em minha alma.
Publiquei livro, poesia, pesquisei e estudei.
Eu sorri bastante, gargalhei muito.
Ah! Me apaixonei pra caramba – ao contrário do que muitos pensam.
Alguns disse adeus, outros não. Apenas se foram.
Tive muitos medos. Muitos.
Adoeci e sarei.
Tenho saudades de muitas coisas, como do meu irmão.
Tenho saudades até de mim do passado.
Tenho uma família que amo muito.
Mas o melhor deste balanço dos quarenta é que ainda tenho muita coisa para fazer!
Espero continuar vivendo muitos anos junto com minha família – ela é importante demais para mim.
Espero continuar com meus amigos e conhecidos.
Espero um dia saber dizer adeus. Será um grande aprendizado.
Quero publicar outros textos, continuar estudando, viajar.
Um dia, ter um gato que de fato mia.
Quero continuar me apaixonando, afinal a vida não é isso.?
Dizer claramente, com simples olhar, vai se ferrar.
Quero perdoar algumas coisas, nós. Mas deixa lá para frente.
Agora... neste momento, quero ainda ter mais cem anos – se isso for possível – porque quarenta ainda é muito pouco para uma vida inteira.
Bem-vindo os quarenta! Bem-vinda a vida! Bem-vinda a minha contínua jornada.





APRESENTAMOS O POEMA

A POLTRONA

POR ELISÂNGELA MARIA OZÓRIO

Sobre a autora: Doutora em Letras, com ênfase em Teoria Literária, pela UNESP/SJRP, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, graduada em Letras pelo UNIFIEO e graduanda em Pedagogia pelo UNICESUMAR, Elisângela trabalha como professora de Português, eventualmente orienta redações, hoje ocupa a posição de coordenadora de agrupamento escolar. Ela adora ler, escutar música e, às vezes, brinca de escrever poesia. Algumas dessas brincadeiras são postadas em blog; outras ficam escondidas entre folhas soltas e páginas dispersas no computador.

Ao canto, observava você
Esparramado sobre a poltrona,
Distraído, com o celular na mão,
O braço pousado sobre o outro braço,
Não o seu, mas o outro imaginário.
Sentado sobre as próprias costas,
As pernas esticadas,
A calça puída.
Estava ali, distraído, o pensamento longe.
E eu, estava ali, ao canto observando seus gestos...
Suas mãos, suas pernas, seu quadril, a zona proibida.
Estava ali, ao canto,
Vendo sua respiração calma,
Seus pensamentos focados e distantes.
Seus dedos deslizando sobre a tela.
Suas pernas esticadas e suspensas, numa distração
Sedutora e livre, apoiada em toda a sua masculinidade.
Mas é proibido.
É proibido desejar dominar toda esta sedução livre.
É proibido imaginar suas mãos passeando sobre o corpo.
É proibido desenhar o espectro do que vejo.
É proibido te olhar de frente, te provocar, te seduzir.
É proibido te querer. É proibido ter pensamentos pecaminosos sobre este corpo repousado
e distraído sobre a poltrona.
Mas te vejo, vejo sua masculinidade me atrair...
Observo e imagino... e, num lance de minutos, gravo na memória esta imagem perdida no
cotidiano.
Você não está mais lá. Acabou. Ficou o perfume e a marca sobre o tecido da poltrona.
Eu também fiquei lá. No canto. Vendo você levantar e sair. Eu fiquei com o proibido.
E fiquei com você na minha eterna memória.



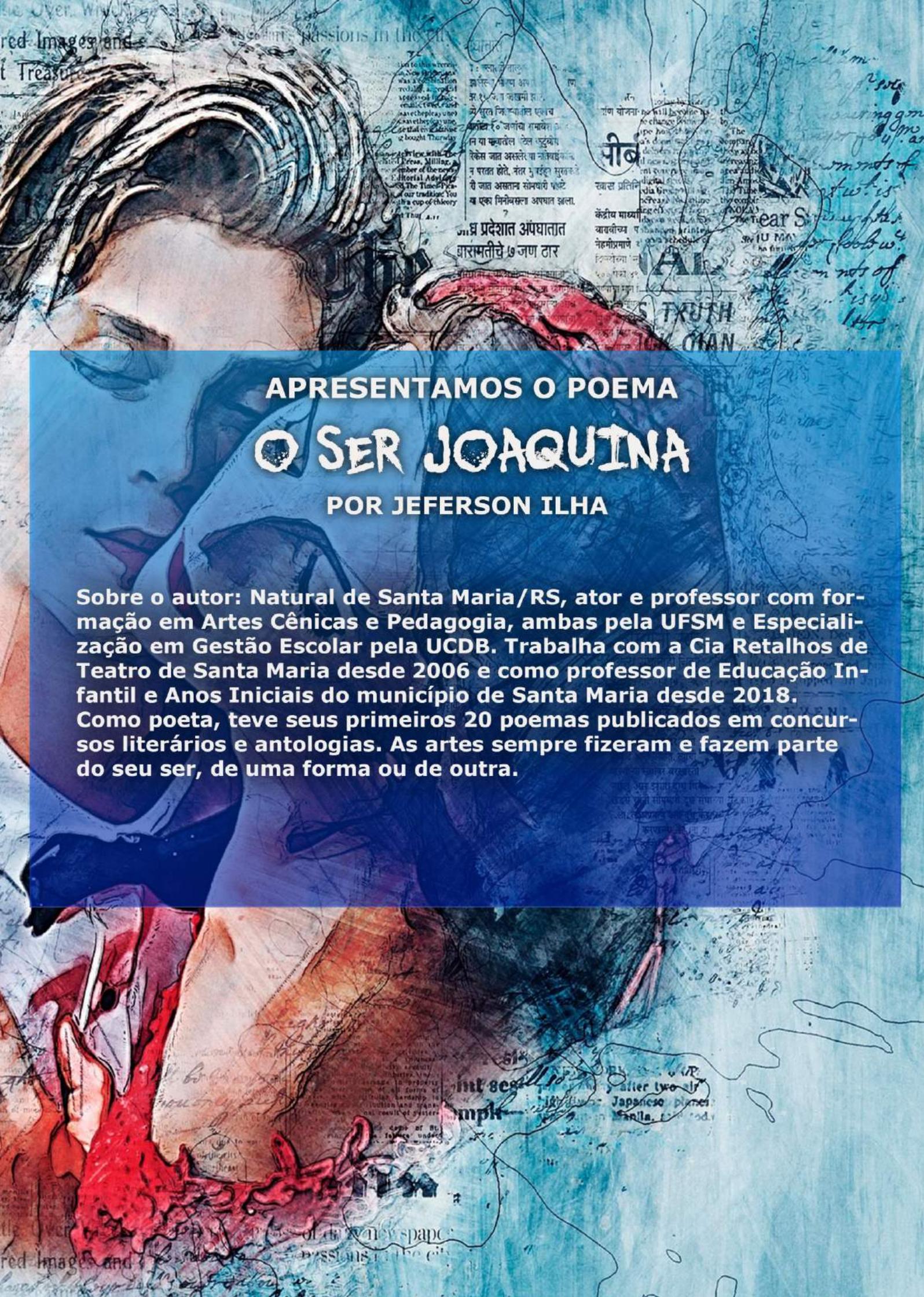
APRESENTAMOS O POEMA

ME KAHLO

POR JEFERSON ILHA

Sobre o autor: Natural de Santa Maria/RS, ator e professor com formação em Artes Cênicas e Pedagogia, ambas pela UFSM e Especialização em Gestão Escolar pela UCDB. Trabalha com a Cia Retalhos de Teatro de Santa Maria desde 2006 e como professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do município de Santa Maria desde 2018. Como poeta, teve seus primeiros 20 poemas publicados em concursos literários e antologias. As artes sempre fizeram e fazem parte do seu ser, de uma forma ou de outra.

Não me calo
Não me canso, falo
Me abro, me mostro, não me abalo
Simples sentir, então exalo
Não me calo
E que vá tudo pelo ralo
Se algo mais for magoá-lo
Um eco preso no gargalo
Não, não me calo
Se não sair a voz, entalo
Quando há feridas a sufoca-lo
Vivas feridas FeridaCalo
Não, não me calo
Dor do tempo não é estalo
Nem um sentimento ralo
Para vencer e mata-lo
Não, eu não me calo
Sinto no peito um forte abalo
Nos meus olhos, um regalo
Vem nos braços que te embalo
Mas ainda não me calo
Deixa-me então amá-lo
Entre vidas de um só talo
Ser dois em um mesmo falo
E assim então, me Kahlo.



APRESENTAMOS O POEMA
O SER JOAQUINA
POR JEFERSON ILHA

Sobre o autor: Natural de Santa Maria/RS, ator e professor com formação em Artes Cênicas e Pedagogia, ambas pela UFSM e Especialização em Gestão Escolar pela UCDB. Trabalha com a Cia Retalhos de Teatro de Santa Maria desde 2006 e como professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do município de Santa Maria desde 2018. Como poeta, teve seus primeiros 20 poemas publicados em concursos literários e antologias. As artes sempre fizeram e fazem parte do seu ser, de uma forma ou de outra.

ध्याता
 १: कस्तुरीवाल
 प्रसन्नः स्वयं शयनं
 अ. १. १. १. कश्चिमी शयनं
 ये सुखे निःस्वप्नेन एतच्च
 अस्ति २० वर्षायां समवेतं
 नि या मन्वतेन त्वेन प्रत्येकं
 त्वेस ज्ञात अस्तेर या नोच्यते
 न परतत छेते, नत २० र्द्वेन सुखकते
 ये ज्ञात अस्तान सोमपाये परते
 य एका मिनोवस्य अपघात झला.
 ११
 ११ प्रदेशात अंघातात
 वारामतीचे १७ जण टार

पीब

स्वास् प्रतिनि
 केंद्रीय माध्या
 याववीच्य प
 नेहमीप्रमाणे २
 दिवसेच्या १०
 १०० पर्ये २०

THE TRUTH
 CAN
 The Tear S
 (U MA
 As first
 The Tear S
 (U MA
 As first

int seall
 mpk
 after two
 Japanese p
 Canila, t

red images and

of a new space
 passions in the city

Joaquina é. E por ser resplandece. Resplandecentemente jovem.
(Dezessete vidas anuárias).
Ela é leve, leve por leveza e leve por singela ser.
Ser por ser o que é e o que há de ser.
Ser alegre e jovial, candura ilimitada.
Liberdade de ser livre. Livre de si mesma e capaz de o ser.
Ser dona e dona de tudo. Tudo a pertence e ao mesmo tempo. Não.
As ruas são suas, pois tudo o é. E sente satisfação.
É jovem e bela, sua beleza encanta.
Encanta e deixa-se encantar, pois é leve e voa solta.
Solta-se vivendo e vivendo irradia.
Gosta de gostar e gosta de tudo, pois tudo é seu.
Principalmente suas impressões. Impressiona-se com tudo.
Principalmente com o visual.
Visualiza o colorido pois as cores a pertencem.
As cores de tudo pois tudo é lindo e radiante.
Radiar, radia-se com tudo. O sol, o céu, as nuvens e o artifício artificial.
Tocar as cores é o seu almejo. Tocar o sol, o céu, as nuvens...
Tocar o negror da noite e sentir-se noite.
Ela é metade e inteira.
Saboreia as cores como os gostos e cada gosto tem uma cor.
A cor do hoje.
O hoje é leve. O amanhã não é.
Ela é dona do hoje.
Apesar de ser dona, aflige-se. Aflige-se fisicamente.
O físico a surpreende, enaltece e a intriga.
O físico dos físicos é seu. E todos os físicos são seus.
Ela se pertence. Mas a aflição não.
Não. Ela não entende. Ela vive. Vive completamente.
E resplandece mais ainda.
Mas afugenta-se e entra para dentro de si.
Sai daquilo e de todos. Refugia-se. É livre.
O tempo passa e ela volta. Volta a ser.

Ser só Josefina. Resplandecentemente viva e mais viva.
A aflição passou. Apenas momentos descoloridos.
Como pode? Não sabe. Ela só é.
Mas também volta a ser. E ser mais.
E vive de novo e igual. E engraçado, torna a voltar a aflição.
O que a aflige? Não sei, não sabe. Não.
Novamente refugia-se e isso torna-se seu.
Não reluta mais, mas refugia-se. Entende apenas que isso é.
Pois é livre.
Não é livre por deixa-la livre, mas apenas por um descaso.
Sua liberdade é sua. E é dona de si. E de tudo.
Anda onde quer. E onde quer é aonde vai.
E vai e volta. E vai e volta e vai e volta...
Entende-se assim. Por ser e ir.
Também por ser e sentir.
E se estranha também.
Mas o estranho já é. Tornando-se o estranho.
Mas refugia-se de tudo o que é seu. Num outro seu.
Só seu. E vive.
Vive o seu e dá outro seu de si mesma, aliviando-se.
Deixa esse seu num outro seu (o mesmo outro seu)
E agora sempre, (sempre no mesmo outro seu) sem mudar de ser.
Mudando-se. Mas apenas a mudança do seu único ser. É.
Gosta agora do que a aflige, mas aflige-se agora sempre.
Períodos do sempre.
Nem sempre. Mas sempre.
E para gostar desse seu descolorido ela colore.
Uma cor para cada seu de si mesma.
Uma cor de flor.
Deposita cada seu de si mesma em lugares diferentes
No mesmo outro seu. E sempre.
E cada seu de si mesma recebe uma flor. Colore-se e eterniza-se.
Agora.

A primeira vez não foi assim.

Mas o hoje tapa o ontem e vence sempre.

E ele vence-se.

Ela é dona. E é.

...

Mas um dia, no hoje, tolheram-na.

Num livre não-livre.

Sua impressão mudava. Pois o que era agora não é.

E estranhava.

O céu, o sol, as nuvens, não eram...

As cores não eram...

Restringia-se (restringiram-na) a um livre.

O livre que não era dela. E ela era dona de tudo.

Tudo era agora restrito. E ela se restringiu.

E restringiu, e restringiu...

E definhou.

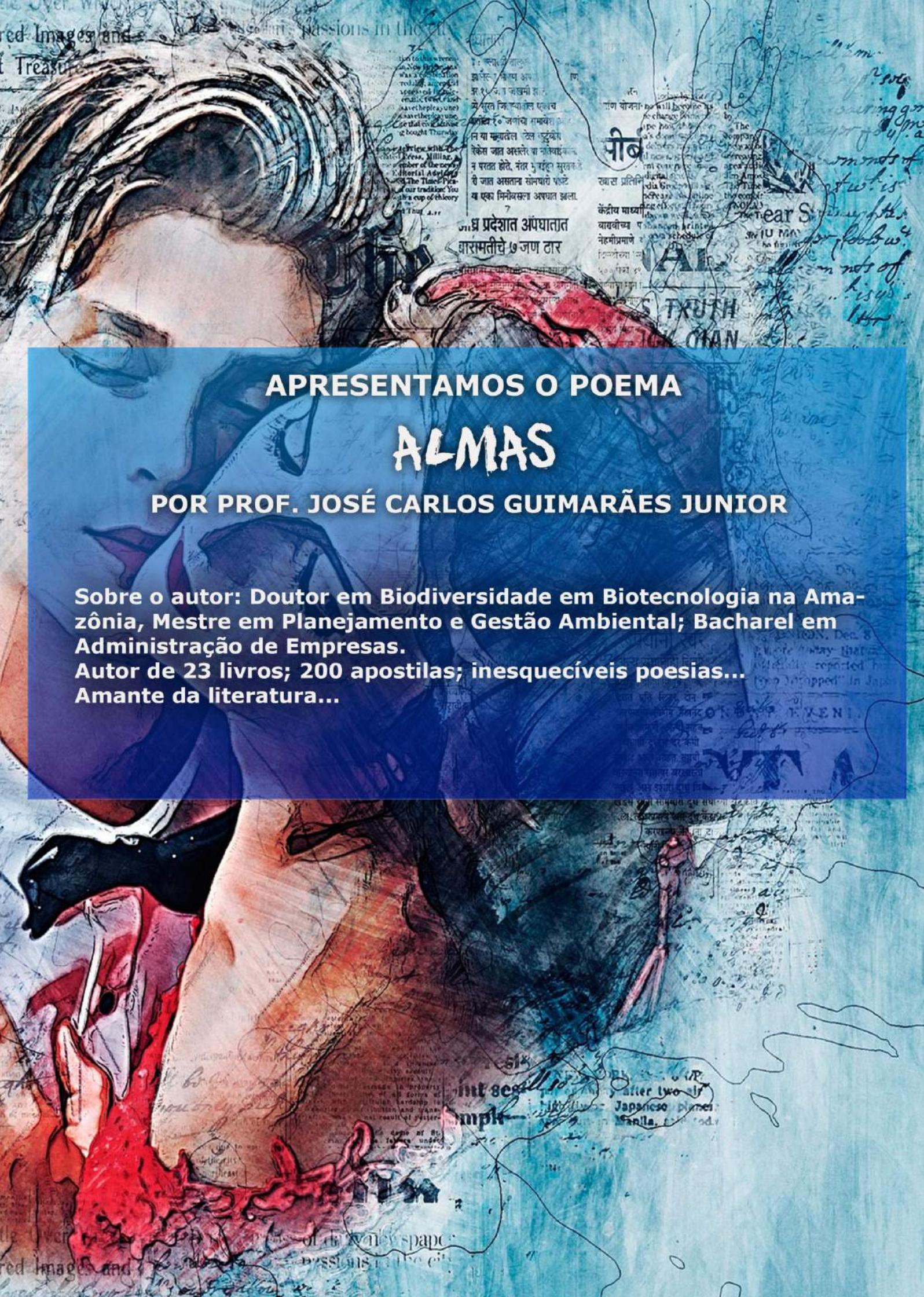
Mas o hoje ainda era o hoje. E o livre ainda era o livre.

E afligiu-se mais uma vez.

E no seu último hoje livre tornou a ser.

O seu último ser de si mesma.

O único seu de si mesma que restou. E no hoje de outro tempo
(talvez outro seu que já não é mais) chama-se Penélope.



APRESENTAMOS O POEMA

ALMAS

POR PROF. JOSÉ CARLOS GUIMARÃES JUNIOR

Sobre o autor: Doutor em Biodiversidade em Biotecnologia na Amazônia, Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental; Bacharel em Administração de Empresas.

Autor de 23 livros; 200 apostilas; inesquecíveis poesias... Amante da literatura...

Não sei quantas almas eu tenho ou tive
A cada momento mudo, mudei
Sempre me estranho, as vezes
Sempre me procurei, mas nunca me achei...acho
De tanto querer ser, só achei uma alma
Quem tem alma não tem calma, pura verdade!!
Quem vê bem, é só o que vê, o que precisa ver, simples assim
Quem sente não é quem é, procura sempre no outro...mas assim não o acha... acho!!
Atento ao que sou e vejo, mas acredito.
Torno-me como eles, sentimentos que vem e vão, mas não os acho...
Cada meu sonho e meu desejo que tenho... é do que nasce e não meu...pena pura.
Sou minha própria paisagem
Assisto à minha passagem
Diverso sempre, procurando sempre, diverso sempre
Não sei sentir-me onde estou, só sei que assim eu sinto...
Por isso, alheio, vou levando o mundo, a vida
Escrevo poucas linhas ou as vezes, muitas delas, tortas, sinuosas, com ou sem nexo...
o que importa é que escrevo,
Pegue minhas palavras, combinadas ou não, escritas em linhas tortas ou não, para você...
se assim o quiser...
O que segue então? não prevendo e para que mesmo?
O que passa a esquecer vira memória? porque não... se assim o quer...
Percebo tudo à margem do que senti e escrevi... mas estou sozinho nessa escrita...
nesse sentimento
O que julguei que senti... o que senti na tuas verdades, só que julguei mal....assim o
senti....
Reescrevo o que sinto, sempre... reescrevo as vezes... e me pergunto por quê?
Me pego perguntando... as vezes... se sou EU... ou se o que não sei mais...
Só sei que escrevo o que sinto...
Nesse momento, sentimentos são revelados... nem sempre amorosos, nem sempre
calorosos, mas as vezes meticulosos... mas para que... confesso que não sei...

Só sei que... um dia, uma bela noite, deitado, olhando para o céu, tentando contar as estrelas, me perco em meus pensamentos... e aí viajo na alma do meu ser... para sempre e sempre.

Pensamentos esses que me levam a um lugar desconhecido... que nunca visitei... que tenho medo... que sinto... sinto medo, mas as vezes somente...

De repente, me pego distraído, pensando ao léu... perdido por aí... buscando um significado para algo, para o que sinto, para a minha alma, buscando algo...

Mas as vezes eu acho que encontrei... e de repente uma chuva fina vem chegando, molhando meu corpo, inundando minha alma, deixando meus sentimentos molhados, suados...

Só sei que assim eu vivi...

Amores Revolucionários.

Você ficou me devendo coisas

das quais eu não devo cobrar.

Na reza da arte eu espero a desconfiguração

da sua imagem.

Na abstração da guerra de amar,

na coragem de perder sem armas.

Você me alarma com o seus pensamentos

e falas silenciosas, as quais eu não ouço.

Eu te espero, como um sinal,

como uma sina neste lugar tão incerto,

tão cruel, mas que nos confortamos.

Fechamos os livros que nos aclamavam uma revolução,

rasgamos os papéis ideológicos incendiários

dentro de uma calça antiga no fundo do armário

junto com as cartas de um amor passado,

que ainda te assombra e te persegue.

Criança, onde pensa que vai?

Não há nada lhe esperando do lado de fora,
apenas o povo que vaia, a voz da esperança está nas ruas.

Embora a geladeira vazia, alimente-se dela nua,
do modo mais puro, pois aquele lá em cima é uma puta.

Que amassa o pão duro e joga para os miseráveis,
para os enfermos, para os larápios.

Eles estão cegos, não vem o deplorável.

A mulher ao lado morre de ópio, mas deus é honorável.

Eva é a culpada, a vadia que trouxe o pecado, se cubra, menina!

Que tipo é este, inerente de preconceito, é um ser corruptível,
cheio de mágoas e brancas narinas.

É da farinha do morro?

Responda depois do chefe atirar na criança com um saco de doces.

Ele não morreu, ele foi morto.

São os ápices, as nuances, as nudezes das mulheres livres;

Multifaces, de dia a pressa, a noite a prece
por uma vida.

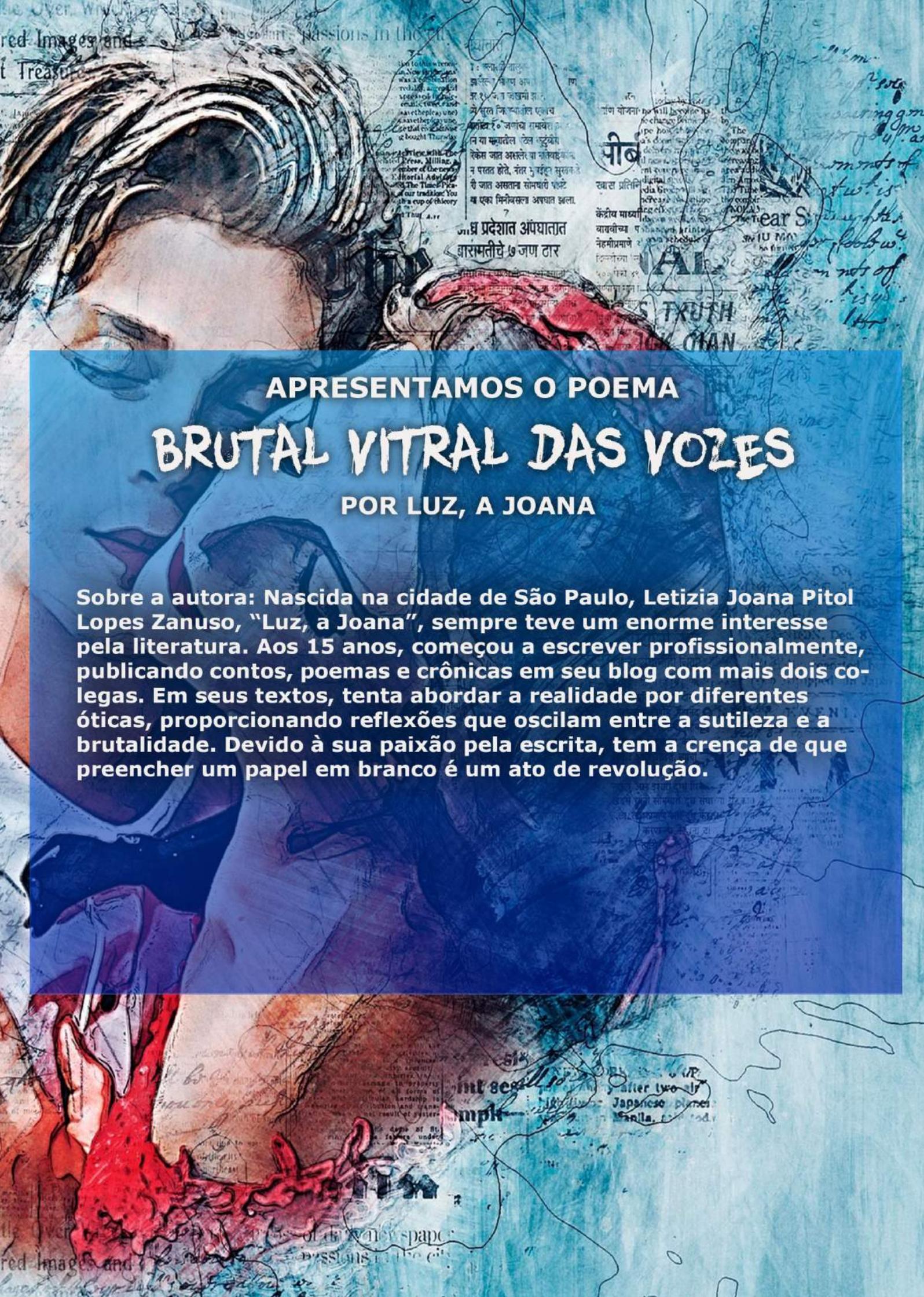
Eu vi o amor descendo a ladeira
Vi o amor atravessando a rua
Quebrando barreiras
Vi o amor sob a luz da lua
Mas o amor não me viu
Eu vi o amor sob a cegueira da noite
Vi o amor se abrigando sob uma ponte
De decepções e sonhos quebrados
Eu vi o amor chegando de repente
Feito uma nuvem de chuva sem direção
Eu vi o amor, mas o amor não me viu.



APRESENTAMOS O POEMA
VOCÊ HÁ DE TER
POR LÉO SILVA

Sobre o autor: Léo Silva é Biólogo; Pedagogo; Mestre em Biociências e Biotecnologia e Doutorando em Biotecnologia Vegetal. Escreve poesias desde muito cedo, e já autopublicou sete romances, além de ter participado de diversas antologias de contos.

Você há de ter, ainda hoje, antes do entardecer
Abraço de amigo que há muito não vê
Correspondência de amor que sempre sentiu
Desejo de libertação que jamais perdeu
Surpresa de festa que nunca ganhou
Calor de reencontro que sempre esperou
Há de ter o sorriso mais lindo do mundo
Brotando irrepreensível em seu rosto
E borboletas voando levemente no estômago
Há de ter a ferocidade de leoa defendendo cria
A tenacidade de quem não se dobra para a tempestade
A beleza de quem se esqueceu de envelhecer
Há de ter a capacidade de florescer
Mesmo em meio à solidão do deserto da vida
Você há de ter, ainda hoje, antes do entardecer
O brilho que só têm aqueles que jamais duvidam
Do valor de um amor impossível de explicar
Há de ter os sonhos mais doces e a realidade possível
E mil motivos a mais para sorrir do que para chorar
Há de ter, mesmo diante do desespero, a certeza da fé
E a dúvida da certeza na despedida de quem prometeu voltar.



APRESENTAMOS O POEMA

BRUTAL VITRAL DAS VOZES

POR LUZ, A JOANA

Sobre a autora: Nascida na cidade de São Paulo, Letizia Joana Pitol Lopes Zanuso, "Luz, a Joana", sempre teve um enorme interesse pela literatura. Aos 15 anos, começou a escrever profissionalmente, publicando contos, poemas e crônicas em seu blog com mais dois colegas. Em seus textos, tenta abordar a realidade por diferentes óticas, proporcionando reflexões que oscilam entre a sutileza e a brutalidade. Devido à sua paixão pela escrita, tem a crença de que preencher um papel em branco é um ato de revolução.

Pobres crianças feitas de vento,
De vidro, veem a vida voar.

Virados, vidrados, vaiados
Vítimas da visceral verdade vista na televisão.

Transviados, viciados, vendidos, vendados,
Justiça cega voltada aos votados.

Revoltados, revogados, vetados.
Vinagre desinfeta ferida que arde, acorda a fera voraz.

Volátil.

E na vala, a(s) cende-se a vela,
Que vela a visão de uma nova vida com mais esperança.

Pobres crianças pobres.



APRESENTAMOS O POEMA
ABRAÇO TEXTUAL
POR LUCAS PESSÔ FENIMAN

Sobre o autor: Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Direito Penal pela Escola Paulista da Magistratura e em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é servidor público e escreve poemas durante o tempo livre.

Penso na poesia que pensa em ser prosa
para não arriscar perder nas entrelinhas
Entre suas prezadas palavras projetadas
da vida o amor permanente que sublinha.

Como humana, criadora, ela em si provoca
pensamentos presunçosos de predestinação.
Preocupada com a sua (pre)potência, passa
por paradoxal e providencial pressuposição.

Despercebendo ambas que amor (pre)valente
é aquele que não vislumbra pertencimento.
Etéreo e pragmático, produz por mero acaso
Paixão no peremptório presente da mente.

Poesia profética, esta que pensa em ser prosa
Para ao ocaso perceber ser a prosa, sua poesia.

Procura-se um amigo,
que,
diga bom dia,
para você levantar a autoestima.
Diga boa tarde,
para você continuar as tarefas iniciadas.
Diga boa noite,
para que você tenha um bom descanso,
avaliar como foi seu dia,
planeje o dia seguinte
e tenha uma boa noite de sono.
Procura-se um amigo,
que,
possa lhe dar um aperto de mão,
uma palavra amiga,
um abraço carinhoso,
e neste abraço,
possa apagar as tristezas
e lhe fazer sonhar com um amanhã
repleto de felicidades,
apesar das dificuldades diárias.
Amigo, cadê você?





APRESENTAMOS O POEMA
O TEMPO QUE NÃO VIVEU
POR MARIA DE FÁTIMA MOREIRA SAMPAIO

Sobre a autora: Maria de Fátima é Advogada, Psicóloga, Escritora, Mestre em Ciências da Educação, Mestranda em Letras, radialista, apaixonada por literatura e dramaturgia. Autora de obras jurídicas e de contos presentes em diversas antologias. Mãe de duas filhas maravilhosas. "Acredito que o amor, a fantasia e a literatura fazem da vida o melhor lugar para estar."

Quem sobreviveu a ele?

Em sua máscara de juventude,
selou pactos à margem do espelho,
quebrou promessas
e as sombras viveram
e levaram com elas os raios de sol,
o odor da primavera, o calor das tardes
e as estrelas da noite.

Já é tarde.

E quem viver, dirá?
Dirá o verbo maior que a palavra e
fingirá entender o significado
da espera por dias melhores.

Já é tarde?

Então a face do silêncio tocou a própria pele
antes das horas finais,
retocou a maquiagem do adeus
e velou os anos que passaram
apressadamente pelo seu diário.
Tudo em zelo, em segredo,
como um riso encardido nas teias do vento.

Trama sem graça...

Agora as flores choram por mim.

Quero voltar e pegar o tempo,

fazer com ele outra era em meus dias de aurora.

Quem me dera outra vez, mais uma vez,

debutar nas celebrações

onde eu saí antes da hora,

à procura de ocultas certezas.

O tempo nem me viu bailar...

E as cores, agora vem de hora em hora

me lembrar quem sou eu.

Nesses momentos, eu seguro minhas réstias e

ajoelho-me para não ir embora.

Imploro por um pouco mais de sede,

de mentiras em um melhor prólogo.

Quase na hora...

Foi um sonho ou preciso abrir mesmo a porta?

A saída iminente me faz decente,

mas quem se importa?

O tempo...

Sentado de costas para a vida,

você é tão óbvio!

Já não está satisfeito em passar?

Apenas cante baixinho,

use uma ampulheta de misericórdia...

Eu vou encontrar um lugar

para me esconder e lhe convencer

de quem não sou eu,

essa frágil criatura

que estende os braços na terra

como rama em busca de água.

Esse perfume dentro da noite...

Ei, vida, diga que sou um dragão e

que em meu leito não há um corpo

e que a morte morreu de tanto me esperar.

Que sou o calor que o frio não conseguiu apagar.

Esse pobre tempo...

Perdido em ritmos que o som não alcança.

E quem viver, me seguirá?

Ainda tento um último lance,

um acorde vivo, uma canção só minha,

uma melodia onde eu possa ressoar.

Vou soltar meu ar no ar,
arriscar um salto para o céu
onde as estrelas me encontrarão.
Ainda não é dia,
a verdade sequer chegou,
minha voz ainda não calou
e tenho um segredo que me salvará:
sou um vilão e sem mim a estória será apagada.

Vou fazer de conta que você não passou
e que eu cheguei agora
como um inocente sopro de vida.
Sim, agora sou a viga
erguida em campo minado,
terreno fértil em minha ilusão,
onde as palavras se abraçam
consolidadas em seus significados
e a razão, agora sim,
finalmente me reconheceu
como um dia que ainda não aconteceu.

Pergunte-me então pelo meu coração.
Ele continua desolado.
Não me esqueça

porque começo a perder meu rosto e
minhas marcas fieis de expressão.

Meus lábios confundem meu nome e
criaram uma pergunta para aqueles que me visitam:
quem é você que chora?
Por que tocam minhas mãos como se fosse um adeus?

O tempo agora,
sentado à minha frente,
me diz já ser a hora.
Está feliz agora?
Quais as portas que devo abrir
sem ninguém me segurar?
Então iremos, eu e você,
quase um par em pronúncia,
sem acordos ou favores,
em busca de uma última linha,
que contará um final
em uma estória sem atores.



APRESENTAMOS O POEMA
QUE O VÍRUS NÃO VENÇA
POR NEIL WOLF

Sobre a autora: enfermeira, fisioterapeuta, natural de feira de santa-Bahia.

जिध प्रदेशत अपघातत
बारामतीचे ७ जण तार

पीव

केंद्रीय माध्यमिक
शिक्षण बोर्ड

नेहमीप्रमाणे

दिल्लेना

१० पेजे

TRUTH
OCEAN

ON BABY EVENTS

after two
Japanese planes
Sania

E onde reina a ignorância e descrença, um vírus ganha crescimento,
Passando de um em um, causando dor e abatimento.
De repente, sua simples presença fez o ar se esvaír,
Obrigando o corpo já calejado a lutar para sobressair.

E na sala que resende a éter, a morte paira como rapina,
A batalha perdura por dias e horas, fazendo sua rotina.
Anjos alabastrinos guerreiam entre máquinas e medicamentos,
Ganham algumas, perdem outras, mas não perdem o engajamento.

E nestes tempos difíceis que obrigam solitários a mais isolamento,
Políticos alheios e imberbes causam morte e constrangimento.
COVID é seu nome, não adianta ocultar,
Sua presença na história e em lápides sempre vai estar.

Mas a História tira de tudo sempre uma importante lição,
E nesta ficou clara, a importância da lavagem das mãos.
O valor da boa ciência e do modelo metodológico,
Desenvolveu a esperança de salvação no imunobiológico.

Ele tentou reviver um tempo que nunca viveu,
De um passado obscuro, onde quem lutou, morreu.
Com um verdugo insano e cheio de pantarmas,
Histrião que prega a volta desordeira de armas.

Matizou seu corpo de riqueza e verdor,
Mas esqueceu que na mente persiste, o triste fedor,
De quem se considera puro e consagrado,
Mas ceifa sem piedade, o que não é de seu agrado.

Na pueril crença da verdade na meritocracia,
Tornou-se iludido de que no voto, existe democracia.
Escolheu um número e vendeu seu cerne,
Por depositar todas as esperanças em quem não passa de um verme.

Nos desvaneios das noites, se lamentas pelo bufão,
Não te padeces em nada, os que se debatem em lassidão.
Não choras os mortos, deles sofre apenas de alheamento,
E para justificar a desordem, busca na mentira qualquer argumento.

Neste mar de gamela em que se tornou a sua realidade,
Banha-se no rio de chorume, que virou sua falsa verdade.
De quem prega o ódio, mas não tem luz ou argumento,
Sujando em vão, o bom nome do útil jumento.

De repente, me dou conta que já passaram anos... e aqui estou.
Ao olhar no espelho vi um rosto... ou vários rostos?
Rostos com traços e rastros de uma história eloquente de vida.
Vejo no recôndito mais íntimo um astro reluzente do Espírito Santo...
Espírito este que Jesus nos deixou para que não ficássemos órfãos.
Como sou agraciada por este amor infinito de Jesus!

Em cada rosto contemplo uma benção de Deus e,
Observo a grandiosidade de Jesus em minha existência.
Cada traço traz uma história de superação, de vitória.
Passei por várias turbulências, mas nunca sozinha...
Jesus estava lá e muitas vezes me carregou nos braços.
Outras vezes enviou anjos para me animar.
Estes anjos são os amigos e amigas que ele colocou no meu caminho.

Miro mais uma vez no espelho e enxergo rastros de bênçãos que estão por vir.
Em cada olhar, um sopro de vida,
Em cada rosto, uma história vivida.
Em cada traço, marcas de amor Ágape do Pai.
Então, o que me resta e louvar e agradecer...
Agradecer ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo pelos livramentos,
Pelo o dom da vida que emana em mim em cada amanhecer.
Glórias e louvores ainda por todos os problemas que ainda virão,
Problemas estes que nos oportunizam ficar mais perto de Deus
Que sempre se aloja no coração.

Venha aqui.

Bem perto.

Quero dizer ao certo,

o que quero de ti.

Quero que te vejas,

gravada em minha retina.

Quero que percebas,

que a vontade tem que ser NOSSA, não só minha.

E que quando se entregar,

será por caminhos teus,

que me ensinarás,

a misturar com os meus.

Quero tudo com você,

todas as cores possíveis.

Um quadro novo a cada amanhecer,

sentimentos visíveis.

Se não quer,

me diga.

Mas não permita,

eu mendigar por você.

Sim, sei que me amas.

Como também sei que te amo.

Em meu corpo ainda há chamas,
mas no seu, sem paixão, as vezes me engano.

Não tens culpa da pouca brasa.

Como também não tenho.

Mas a vontade me abraça
e fico, me contendo.

Ainda me arrepia a nuca,
vê-la pelo espelho,
mas escondo meu desejo,
abraçando o travesseiro.

Se é patologia

Ou falta de vontade,

vou esperando o dia,

aumentando a ansiedade.

Como podes ser minha,

não sendo?

A falta da libido em ti, se aninha,

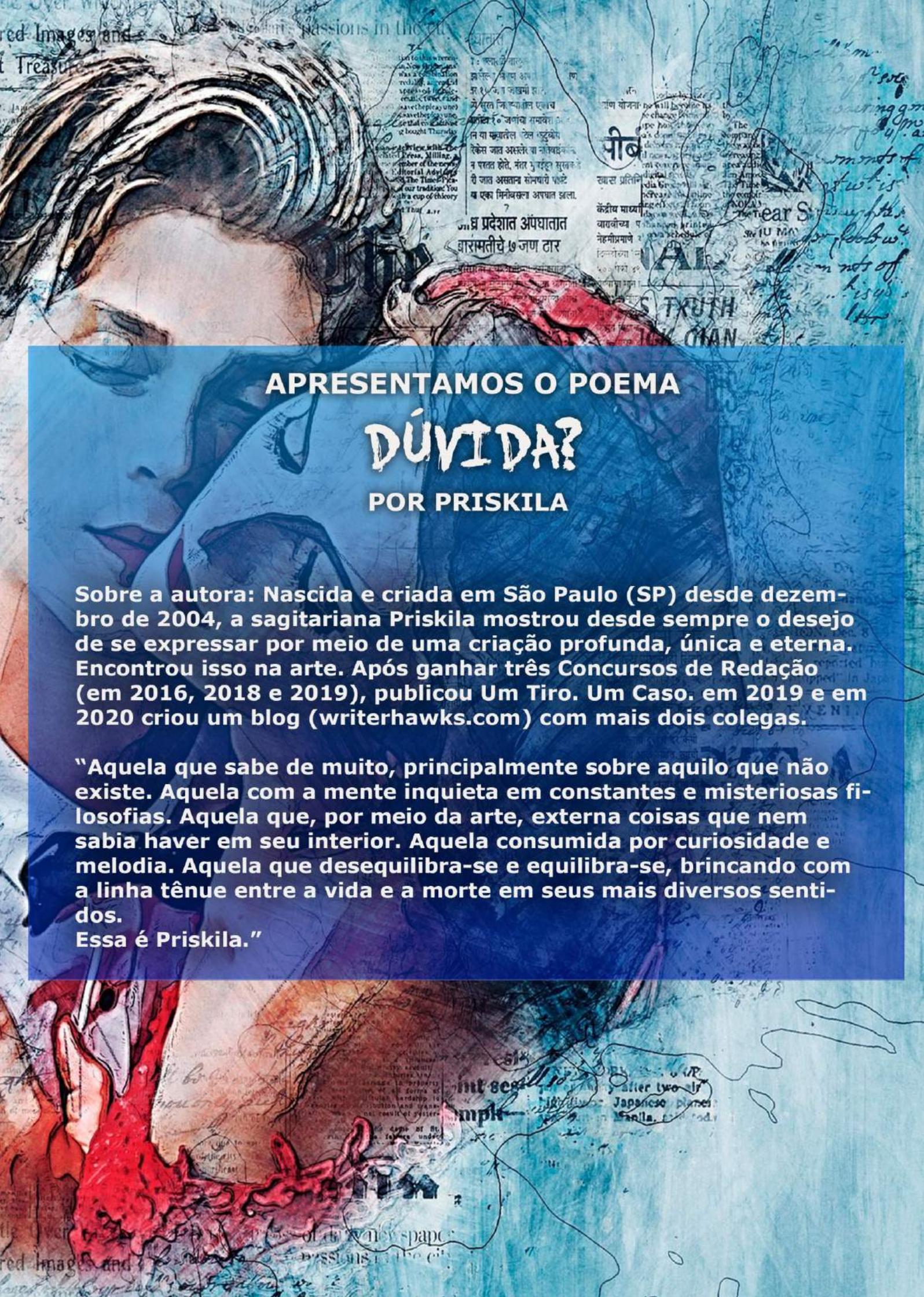
enquanto vou morrendo.

Quando toco no assunto,
se não ri, me repele.
Me sinto meio sujo,
E assim volto a ser moleque.

Resolvo esta questão
quando entro no banheiro,
Deposito em minha mão
brincadeiras no chuveiro.

Nós ainda amamos,
e continuaremos assim, até o fim.
Eu te procurando
E você, se escondendo de mim...

Mas quando chega o dia
que me concedes audiência,
sou o rei da Normandia,
deflorando-te a inocência...



APRESENTAMOS O POEMA

DÚVIDA?

POR PRISKILA

Sobre a autora: Nascida e criada em São Paulo (SP) desde dezembro de 2004, a sagitariana Priskila mostrou desde sempre o desejo de se expressar por meio de uma criação profunda, única e eterna. Encontrou isso na arte. Após ganhar três Concursos de Redação (em 2016, 2018 e 2019), publicou Um Tiro. Um Caso. em 2019 e em 2020 criou um blog (writerhawks.com) com mais dois colegas.

“Aquela que sabe de muito, principalmente sobre aquilo que não existe. Aquela com a mente inquieta em constantes e misteriosas filosofias. Aquela que, por meio da arte, externa coisas que nem sabia haver em seu interior. Aquela consumida por curiosidade e melodia. Aquela que desequilibra-se e equilibra-se, brincando com a linha tênue entre a vida e a morte em seus mais diversos sentidos.

Essa é Priskila.”

No descanso da alma
penso se existo;
inexisto.

Na melancolia que não se vê,
estudo a causa e o efeito
da minha alma de bronze
em meio a pratas e ouros.

Tamanha contradição
que tentemos compreender
o incompreensível
por mais que pensemos saber.

No final, a mente trava,
mas continuo buscando
e percebo que só sabe
quem não tem medo de saber.

Se ser é saber
e pensar é existir;
morro de dentro para fora.

Na incerteza, certeza.



APRESENTAMOS O POEMA
PEDIDOS INFORMAIS
 POR ZACARIAS SOUSA

Sobre o autor: Baiano e filho de saudosos cearenses, residente na capital do país, Zacarias Sousa aos 35 anos, estuda cavaquinho na Escola de Música de Brasília - EMB, aprecia música clássica, tendo o russo Tchaikovsky como seu compositor favorito, e é apaixonado pelo rock n' roll pesado da banda Metallica. Respira esportes, livros, filmes, séries e um bom vinho nos momentos de lazer. Ele também desenha e foi o responsável pela produção da capa do próprio livro (Ecos de uma caverna metropolitana - Vol. I). Como bom amante de filosofia, decidiu depois um ano extremamente conturbado por conta da pandemia, publicar seu primeiro livro que traz uma gama de aforismos, poemas e poesias, escrito entre 2018 e 2019, e já prepara a produção do segundo que está no forno.

Aí está você, me olhando como quem não quer nada
Sob o ar angelical de uma doçura incontestável
E eu aqui, te desejando com esperanças de alguém que só precisa de uma chance
Escondendo que a minha imaginação flutua entre mordidas e afagos
Que a minha boca te vê assim, sem roupa e despida de pudor

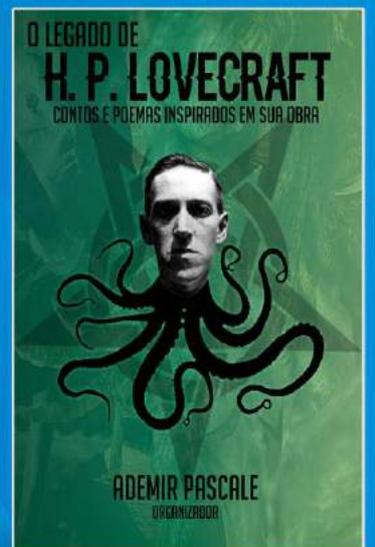
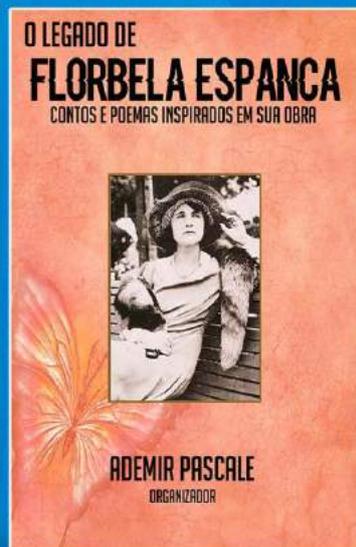
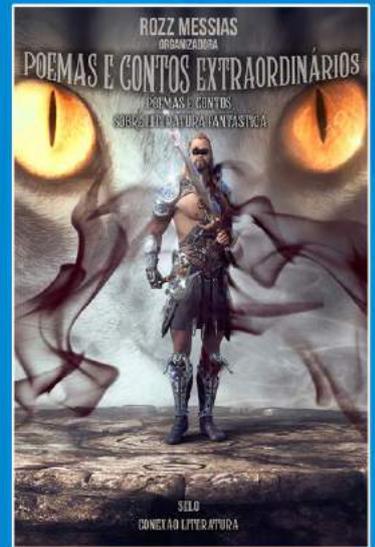
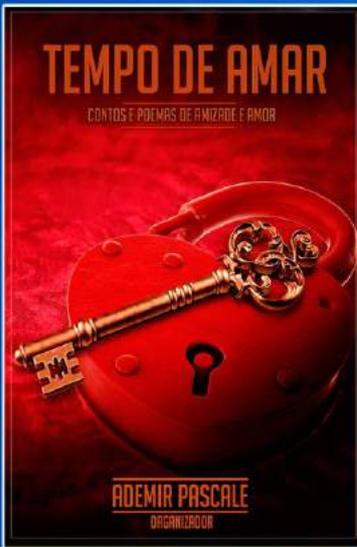
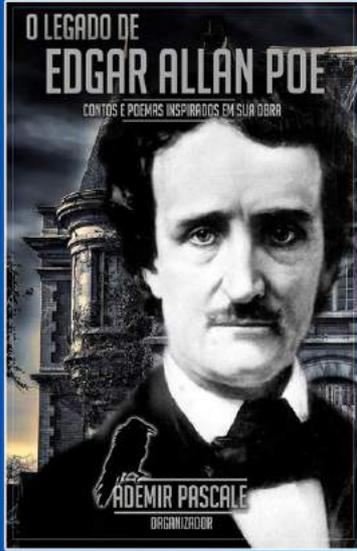
Aceite o convite que eu não fiz e esqueça que precisará contar as horas
Preciso te ensinar coisas que aprendi e que nem sempre são gentis
Elas te proporcionarão delírios e sufocarão o ar dos seus pulmões

Se resolver aceitar esqueça os lençóis
Os riscos potencializarão o fluxo de adrenalina
Então vou poder sussurrar como sou bom moço no seu ouvido
Alguém que nem sempre é bom e cultiva uma horta de pecados

Permita que sonhos se transformem em pesadelos
Substitua as consequências dos riscos por doses de endorfina
E olhares de cumplicidade e confiança surgirão em seguida

Entregue-se de maneira irresponsável sob a incerteza de pedidos formais
Aceite o convite que eu não fiz
E me faz experimentar o paralelo de não saber se estou acordado
Ou, se é só mais uma das minhas alucinações.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI